

Charlot entrevistado

Não é propriamente uma entrevista. Se o fosse, talvez não diferisse muito. No entanto, é Charles Chaplin, ele mesmo, a recordar o seu passado e a dizer o que pensava da vida, das pessoas e das coisas. É Charlot visto através da sua autobiografia

Alice Vieira

Charles Chaplin nasceu...

A 16 de Abril de 1889 às oito horas da noite, em Londres.

Filho de um casal de pobres artistas de music-hall, desavindos e separados, a sua infância está longe de ter sido um conto de fadas... Isso nós sabemos. Mas quais as suas recordações desse tempo?

A impressão dominante do meu tempo de infância é a de um lodaçal de miséria. E eu tinha a plena consciência do estigma social que representava a nossa pobreza.

Internado num asilo com seu irmão Sidney e sua mãe, (embora em pavilhões separados), sozinho desde muito pequeno, sempre que sua mãe sofria acessos de loucura e tinha de ser internada no hospício, as vidas dos heróis de Dickens são quase histórias cor-de-rosa ao pé da sua, não lhe parece?

Desse tempo quero apenas recordar uma história. O meu irmão Sidney que era então telegrafista, precisava de um fato novo. Usava a farda de telegrafista todos os dias, à semana e ao domingo. Os colegas começaram a trocar de-le. Teve de ficar dois fins-de-semana em casa até que a mãe lhe pôde comprar um famoso de sarja azul. Isso transtornou a nossa economia, a tal ponto que a mãe se via forçada a empenhar o fato todas as segundas-feiras, quando o Sidney saía para o trabalho com a farda de telegrafista. Davam-lhe sete xelins pelo penhor e ela ia resgatá-lo todos os sábados a fim de que o Sidney o pudesse usar nos fins-de-semana. Este hábito tornou-se um ritual de todas as semanas, obrigatório durante mais de um ano, até ao dia em que o fato estava no fio e então foi a catástrofe: o penhorista não lhe deu mais que três xelins. Ela chorava raramente, mas o golpe foi tão duro que entrou em casa com os olhos rasos de água. Contava com aqueles sete xelins para nos manter durante a semana.

Acha que a sua infância de

pobreza o marcou profundamente?

De que maneira... Nesses dias longínquos, eu combatia a fome e o medo do dia de amanhã, o medo contínuo do dia de amanhã. Ao contrário de Freud, não creio que a sexualidade seja o elemento mais importante na complexidade do comportamento. O frio, a fome e a vergonha da pobreza são mais susceptíveis de afectar a psicologia de cada um. Nenhuma prosperidade poderá jamais desembaraçar-me desse medo.

Citou Freud. No entanto, confessa não ter tido grande instrução nem tempo para muitas leituras...

Não precisei de ler livros para saber que o grande tema da vida é a luta, e também o sofrimento.

Por que quis ser actor?

Eu não quis ser actor. A minha mãe era artista de variedades e foi devido às suas condições vocais que eu fiz, aos cinco anos, a minha primeira aparição em cena. Ela estava a actuar na Cantina de Aldershot, que era ao tempo uma sala manhosa, sórdida, frequentada principalmente por soldados. Formavam um publico barulhento que, ao mínimo pretexto, ridicularizava os actores. Para os artistas, Aldershot representava uma semana de terror. Lembro-me que estava nos bastidores...

Nos bastidores de uma casa como essa, aos cinco anos?!

É que a mãe preferia levar-me com ela, a deixar-me sozinho, num quarto alugado...

Foi então esse publico tão especial o primeiro que enfrentou?

Foi. Lembro-me de que estava nos bastidores quando a voz da mãe teve um abaixamento e se tornou num suspiro. O publico desatou a rir e a soltar miaus de troça. O barulho aumentou e a mãe viu-se obrigada a sair de cena. Quando chegou aos bastidores, vinha excitadíssima e discutiu com o contra-regra, que me ouvira cantar numa roda de amigos e lhe dizia qualquer coisa no sentido de

eu a substituir. No meio do chinfrim, lembro-me de ele me levar pela mão e me deixar só no meio do palco. Comecei a cantar uma canção muito conhecida. A meio da cantiga, uma chuva de moedas caiu no palco. Parei logo para anunciar que ia primeiro apanhar o dinheiro e só depois continuaria a cantar. Isto ainda provocou maior risota. Eu estava perfeitamente á vontade.

O teatro foi, então, para si, um acaso?

Um modo de vida, nada mais. Vivía na névoa e na confusão. A palavra «arte» não entrava nunca na minha cabeça e no meu vocabulário.

Lembra-se da primeira crítica que lhe fizeram?

Se me lembro... Saiu num jornal chamado «London Tropical Times», tinha eu então 12 anos, e fazia um pequeno papel numma peça intitulada «Jim». Dizia: «Apesar de banal e fora de moda, a personagem de Sammy é representada com muita graça por Charles Chaplin, actor jovem e brilhante. Eu nunca tinha ouvido falar neste rapaz, mas espero ouvir em breve grandes coisas a seu respeito.»

Teve algum efeito imediato essa crítica?

O meu irmão Sidney comprou uma dúzia de exemplares do jornal...

Como pessoa famosa, todas as suas afirmações eram largamente exploradas pela opinião publica. E, dado que elas nem sempre eram consideradas muito ortodoxas, grandes foram os seus problemas... Por exemplo, qual a sua opinião sobre a América?

Bom, quando da minha primeira chegada á América, Nova Iorque afigurava-se-me formidável demais, os edificios pareciam-me demasiado altos, e demasiado perigosa a atmosfera de concorrência. Aquelas magnificas residências da Quinta Avenida não eram lares, eram monumentos ao êxito. Os grandes edificios opulentos e as lojas elegantes dir-se-iam estarem ali para

me lembrarem a que ponto eu não estava á altura.

Isso foi em 1910...

Da segunda vez senti-me á vontade nos Estados Unidos: um estrangeiro entre estrangeiros, aliado aos outros. Além disso os circuitos nos teatros eram enfadonhos e deprimentes, e as esperanças que eu alimentava quanto ao meu futuro na América dissipavam-se no trabalho aturado e monótono de quatro sessões por dia, sete dias por semana. A minha unica consolidação era que, na América, podia pôr mais algum dinheiro de lado.

No entanto, foi na América que começou o seu caminho para a glória. Não no palco de um teatro, mas diante das camaras. A figura de Charlot teve êxito imediato. Como lhe

ocorreu a sua criação?

Eu não fazia a minima ideia do tipo de personagem que havia de apresentar. Só me lembro de Mack Sennet me ter dito: «Vai pintar-te de modo a ficares cómico. Seja o que for». No caminho para o guarda-roupa pensei em pôr umas calças muito largas, uma botas muito grandes, bengala e chapéu de coco. Queria que tudo estivesse em contradição: as calças largas e o casaco apertado, o chapéu muito pequeno e as botas enormes. A partir do momento em que me vi vestido, o fato e a maquilhagem fizeram sentir-me o que ele era.

E o que era ele?

Um vagabundo e ao mesmo tempo um cavalheiro, um poeta, um sonhador, um solitário, sempre ansioso por idí-



lios e aventuras. Gostaria que o tomassem por um sábio, um musico, um duque ou um jogador de polo. Mas não desdenha de apanhar uma beata do chão, nem de roubar o chupa-chupa a um bebê.

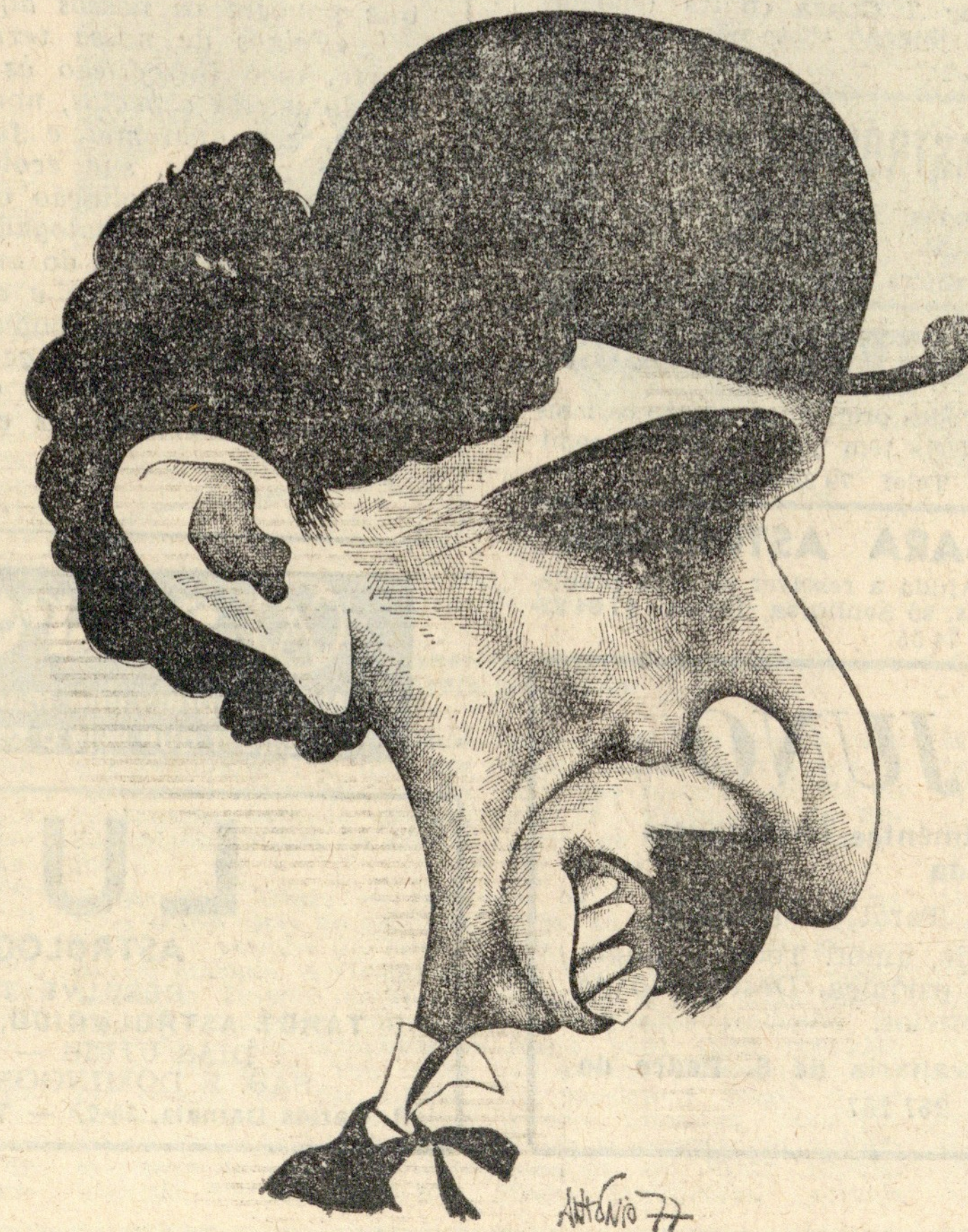
Passado algum tempo, realizava os seus próprios filmes. É difícil realizar filmes?

Se o amator é criador, basta-lhe conhecer os princípios técnicos elementares. A completa liberdade do artista para fazer o que não é ortodoxo resulta, em geral, mais estimulante, e aí está a razão por que o primeiro filme de um realizador tem muitas vezes tanta frescura e originalidade. O critério mais simples é sempre o melhor. Eu, para fazer uma comédia, nunca precisei mais do que de um jardim publico, um policia e uma rapariga bonita.

A sua posição antinazi, as suas declarações políticas, a sua campanha a favor da criação de uma segunda frente de apoio ao exercito somético durante a segunda guerra e o seu filme «O Ditador» fizeram recair sobre si as mais duras acusações e até mesmo o ódio. Proibiram-lhe a entrada nos Estados Unidos, boicotaram-lhe os filmes, chamaram-lhe comunista...

Não sou comunista, mas sou um ser humano e recuso-me a seguir o movimento de odiar os comunistas. Os comunistas não são diferentes das outras pessoas. Se perdem um braço ou uma perna sofrem como todos nós e morrem como qualquer de nós. E a mãe comunista é como as outras mães. Quando recebe a notícia de que os filhos que estão na guerra não voltarão mais, chora como todas as mães. Não preciso de ser comunista para entender isto. Basta-me ser uma pessoa humana. E, durante esse tempo de guerra,

(Continua na 21.ª página)



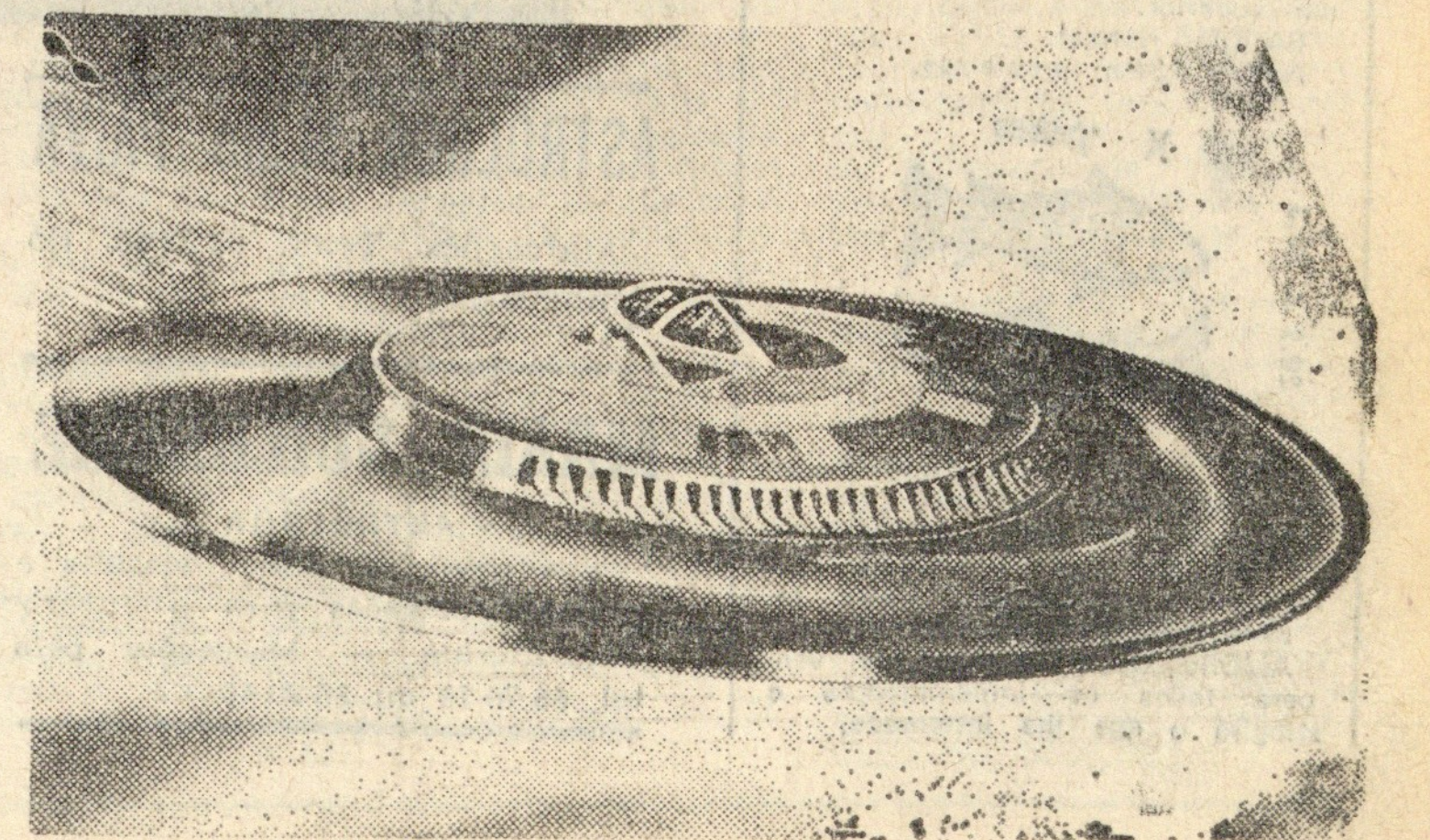
Aparentemente, o «ovniologista» em questão referiu-se — ou quis referir-se — a uma simples carta, enviada cerca de dez anos antes (25 de Janeiro de 1953), pelo Gabinete de Informação Pública do Departamento de Defesa dos EUA, ao major (reformado) Donald Keyhoe, autor de um livro que foi publicado no nosso país com o titulo de «O Mistério dos Discos Voadores». Nessa carta, dizia-se: «A Força Aérea (...) tem conhecimento da conclusão do major Keyhoe de que os «discos voadores» provêm de outro planeta. A Força Aérea nunca negou que essa possibilidade exista. Uma parte do seu pessoal pensa que se pode tratar de quaisquer fenómenos naturais estranhos, completamente desconhecidos, mas se as manobras aparentemente executadas sob comando, referidas por muitos observadores competentes, o são de facto, então a única explicação restante é a extraterrestre.»

Mais uma vez, não se diga que existe uma «conspiração do silêncio». Recordemos apenas que, dos casos referidos no projecto «Blue Book», nada menos de 650 não puderam ser explicados — e que ninguém os ocultou. Mas a verdade é que as mistificações abundaram e continuam a abundar, deformando todas as perspectivas e dificultando uma investigação séria.

A maior parte das mistificações são de natureza fotográfica. As mais conhecidas foram as introduzidas por George Adamski no seu livro — que em Portugal teve o titulo de «Discos Voadores: Seu Enigma e Sua Explicação». Os «discos» nele mostrados eram claramente modelados com base em reflectores de candeeiros antigos e em bedouros de galinhas.

As investigações feitas no âmbito do projecto «Blue Book» mostraram que muitas das fotografias de OVNIS publicadas nos jornais eram simples instantâneos de tampões de rodas de automóveis e tampas de latas atiradas ao ar. Muitas vezes, tais fotografias têm fins puramente comerciais. Um exemplo clássico é o das imagens obtidas por um mecânico de nome Paul, que vivia em Albuquerque, no Novo México. Paul afirmava que os tripulantes de um OVNI haviam falado

(Continua na 21.ª página)



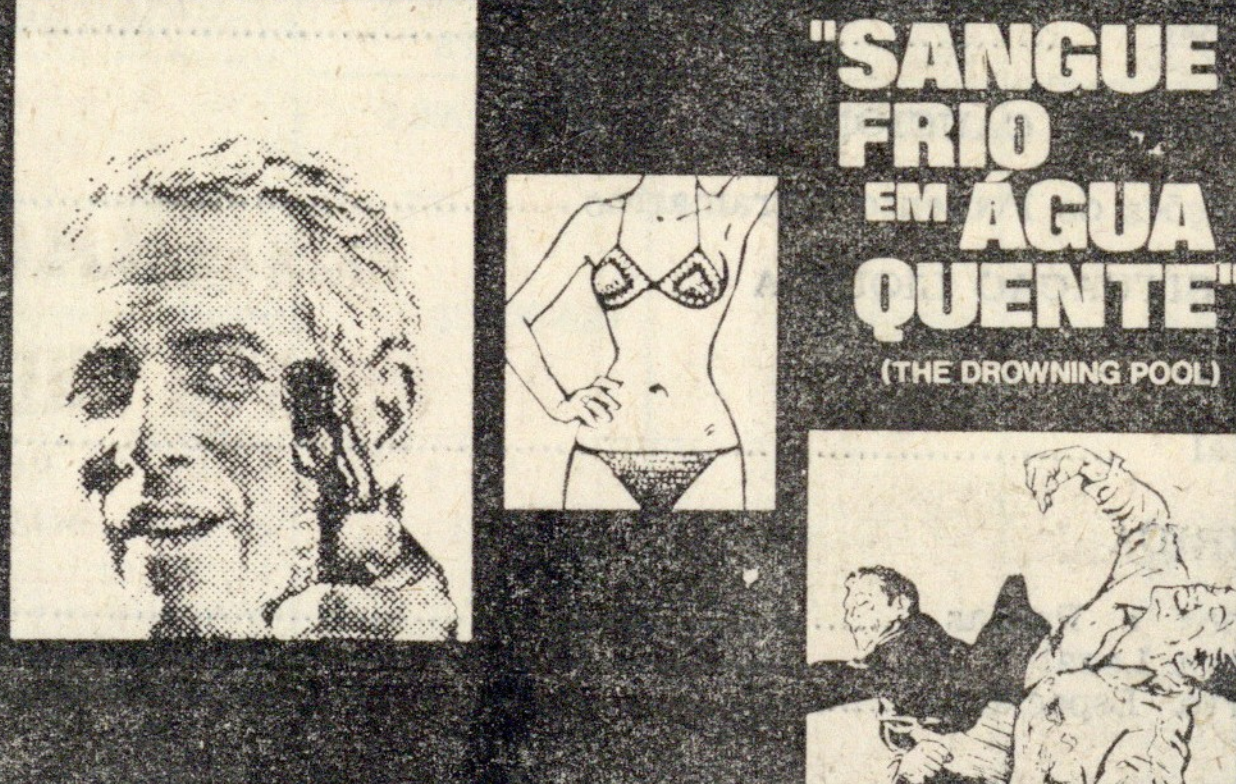
o novo "borracho" do cinema italiano!
NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

HOJE, AS 21 H. INT. A M. 18 ANOS

CAÇA ÀS VIRGENS

Paul Newman em

"SANGUE FRIO EM ÁGUA QUENTE"
(THE DROWNING POOL)



AS 15.30 - 18.30 - 21.30 H. ROMA

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

COLISEU

EMP. RICARDO COVÕES (HERD.) - T. 361997

HOJE E AMANHÃ, AS 16 e 21.30 HORAS

(Não acons. a men. de 13 anos)

A VERDADE INDIANA SOBRE O AMOR E O CASAMENTO

LIÇÃO DE AMOR

Com: VIJAY ANAND — JAYA BHADURI

Um filme de ANIL GANGULY — EASTMANCOLOR

PREÇOS POPULARES — BILHETES À VENDA

A SEGUIR: UM GRANDE ESPECTÁCULO AVENTURAS! EMOÇÃO! AMOR! LINDA MÚSICA!

ZAMEER

A VOZ DA CONSCIÊNCIA

Com: SHAMMI KAPOOR, SAIRA BANU e AMITABH BACHCHAN

City CINE

As 14.30-16.45-19-21.30 e 23.45 horas — O grande espectáculo das famílias!

O PRÍNCIPE E O POBRE

Charlton Heston — Rex Harrison — George C. Scott — Mark Lester

(Não ac. a men. de 13 anos) 7.ª SEMANA

Amanhã — Domingo — As 11 horas — «Matinée» Infantil — Todos UMA NOITE EM CASABLANCA C/ os Irmãos MARX

STAR

As 15.30 — 18.30 e 21.30 — Não ac. a men. 13 anos

O grande espectáculo das famílias!

O Príncipe e o Pobre

Mark Lester — Rex Harrison — Charlton Heston Raquel Welch

HOJE às 24 horas — Grupo D — maiores 18 anos

SÓ AS BORBOLETAS SÃO LIVRES

estúdio Apolo 70

Sessões às 14-16.30-19 e 21.30 horas — Ann-Margret / Marty Feldman / Michael York em

"A MAIS LOUCA AVENTURA DE BEAU GESTE"

Um filme de Marty Feldman — 3.ª SEMANA! Technicolor — (Não Acons. a Menores de 13 anos)

Hoje às 24 h. — CINEMA AMERICANO — (Não ac. men. 13 anos) «OS MARIDOS DE ELIZABETH» de Joshua Loean

Amanhã às 11 horas — MANHÃ INFANTIL — PARA TODOS «FUGA PARA A MONTANHA MÁGICA»

Amanhã às 24 h. — CINEMA AMERICANO — (Não ac. men. 18 anos) «SONHOS DO PASSADO» de John Avildsen

LUMIAR

Hoje e Amanhã, Noite às 21.30 — Int. men. 18 a. Nada há mais selvagem do que o coração humano na necessidade!

MINHA MÃE, MINHA AMANTE

GEORGE C. SCOTT e TRISH VAN DEVERE

Sessão da Meia Noite Int. men. 18 anos

A magia da força e fúria!

PUNHO RELÂMPAGO

SHIH SZU e CHUAN YUAN

Amanhã Tarde às 15.30 horas Não acons. men. 13 anos

Uma das grandes comédias do ano!

QUANDO ELAS OS PÔEM... FORA DA CASA

MIREILLE DARC e JEAN-PIERRE MIREILLE

PARIS

As 15.30, 18.30 e 21.30 horas — Não ac. men. 13 a. Em continuação de Estrela

Premiado com 5 Globos de Ouro

"NASCE UMA ESTRELA"

c/ Barbra Streisand e Kris Kristoferson

Hoje às 24 horas — (18 anos) «KUNG FU CONTRA OS 7 VAMPIROS DE OURO»

Amanhã, às 18.30 horas — «FESTIVAL DO OESTE» — (6 anos)

Amanhã o mesmo programa das 15.30 e 21.30

dos Trabalhadores da Manutenção Militar

ATENÇÃO

De 11 a 21 de Janeiro

«OS CÔMICOS» com a peça

O CONDE BARÃO

Bilhetes à venda

Charlot entrevistado

(Continuado da 17.ª página)

as mães comunistas choravam muito e muitos dos seus filhos morriam.

Também o acusaram de falta de patriotismo...

De facto, sou incapaz de vociferar a propósito do orgulho nacional. Se nos embedamos em tradições familiares, com lar e jardim, infância feliz, parentes e amigos, posso compreender esse sentimento. Mas eu não tenho essa espécie de antecedentes. Naturalmente se o país em que eu vivesse viesse a ser invadido, creio que, como a maioria de nós todos, seria capaz de um acto de sacrifício supremo. Mas sou incapaz de sentir amor fervoroso pelo meu país pois bastaria que ele se tornasse nazi para que eu saísse dele sem remorsos. E pelo que tenho observado, as células do nazismo, se bem que inactivas presentemente, podem reanimar-se muito depressa em qualquer país. Não desejo portanto sacrificar-me por uma causa política, a não ser que pessoalmente creia nela. Não sou um mártir do nacionalismo, assim como não tenho desejo de morrer por um presidente, um primeiro-ministro ou um ditador.

A propósito de ditador, qual a sua opinião sobre Hitler?

Tinha uma cara obscenamente cómica — uma má imitação da minha, com o absurdo bigodinho, o cabelo esguelhado e pegajoso, a boqui-nha repugnante de lábios estreitos. Eu não podia tomá-lo a sério. Mas quando Einstein e Thomas Mann se viram forçados a deixar a Alemanha, aquele rosto de Hitler já não me pareceu cómico, mas sinistro.

Qual o espectáculo mais belo que viu na sua vida?

Uma cena de um filme de actualidades, pouco tempo depois do armistício, que mostrava um homem lavrando um campo da Flandres onde tinham morrido milhares de homens.

Como define a felicidade?

Uma coisa muito próxima da tristeza.

E o humor?

Na minha opinião, o humor é a ligeira discrepância que observamos no que parece ser o comportamento normal. Por outras palavras, o humor permite-nos ver o irracional através do racional, o insignificante através do importante. Reforça também o nosso instinto de sobrevivência e preserva a saúde do espírito. Graças ao humor, não nos oprimem tanto os reveses da vida. Actua no sentido das proporções e revela-nos que, por detrás de uma gravidade exagerada, paira sempre o absurdo.

Para terminar, queria só fazer-lhe mais uma pergunta: acha que morreu na altura própria?

Penso que a vida e a morte são demasiado firmes, demasiado implacáveis para serem acidentais.

LIVRARIA do «Diário de Notícias» em ALMADA

* LIVROS DE TODOS OS GÊNEROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS ENSINO PRIMÁRIO TÉCNICO E LICEU

JORNALS E REVISTAS

(notas de 1 e 2) ...	36\$05	38\$05	10 Dólar
Dólar — Canadá — (notas maiores)	36\$55	38\$55	20 Dólar
Coroa — Dinamarca	6\$80	7\$15	20 Franc
Peseta — Espar.ha ...	\$472	\$572	10 Florin
Dólar — E. U. A. — (notas de 1 e 2) ...	39\$55	41\$55	Libra R.
(notas de 5 a 1000)	40\$05	42\$05	Libra R.
Marka — Finlândia ...	9\$85	10\$35	Libra R.
Franco — França ...	8\$40	8\$90	1/2 Libra
Florim — Holanda ...	17\$30	18\$00	1/2 Libra
Libra — Inglaterra ...	75\$10	79\$101	20 Liras
Lira — Itália ...	\$041	\$051	50 Pesos
Iene — Japão ...	\$150	\$180	2 Mil-ré
Coroa — Noruega ...	7\$65	8\$05	10 Mil-ré
Coroa — Suécia ...	8\$45	8\$95	20 Franc
Franco — Suíça ...	19\$45	20\$25	OBS. —
Bolívar — Venezuela	8\$10	9\$10	

Observações: 1 — No respeitante a MOEDAS estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo; 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 1,5 por mil.

TEATRO DO NOSSO TEMPO

Praca José Fontana, 120

APRESENTA

"O ROMANCE DA RAPOSA"

DE: AQUILINO RIBEIRO

TRADUÇÃO E ENCENAÇÃO

LUIZ MATTA

TODOS OS SÁBADOS, DOMINGOS e FÉRIAS ÀS 16 H.

HOJE E AMANHÃ ESPECTACULO AS 16 H. BILHETES A VENDA

OVNIS:

(Continuado da 17.ª página)

com ele em duas ocasiões. Tinham concordado em nobrar a sua nave, de a colocá-la na posição adequada e a uma velocidade muito pequena, para que a fotografasse a vontade. Assim ele teria podido obter oito fotos. Uma foi publicada em postais pela AFSCA (Amalgamated Flyers Clubs of America), que comercializou também reprodução das restantes revista «UFO International» órgão oficial da AFSCA, a ctiu-as do seguinte modo: maior parte das fotos de cos que agora tinhamos eram de qualidade inf...

VIDA RURAL

LEIA ASSINE DIVULGUE

A MAIS FAMOSA COLEÇÃO JUVENIL DE AVENTURAS

OS CINCO

Enid Blyton

1. OS CINCO NA ILHA DO TESOURO
2. NOVA AVENTURA DOS CINCO
3. OS CINCO VOLTAM À ILHA
4. OS CINCO E OS CONTRABANDISTAS
5. OS CINCO E O CIRCO
6. OS CINCO SALVARAM O TIO
7. OS CINCO E O COMBOIO FANTASMA
8. OS CINCO NA CASA DO MOCHO
9. OS CINCO E A CIGANITA
10. OS CINCO NO LAGO NEGRO
11. OS CINCO NO CASTELO DA BELA-VISTA
12. OS CINCO NA TORRE DO FAROL
13. OS CINCO NA PLANÍCIE MISTERIOSA
14. OS CINCO E OS RAPTORES
15. OS CINCO NA CASA EM RUÍNAS
16. OS CINCO E OS AVIADORES
17. OS CINCO NAS MONTANHAS DE GALES
18. OS CINCO NA QUINTA FINNISTON
19. OS CINCO NOS ROCHEDOS DO DEMÓNIO
20. OS CINCO NA ILHA DOS MURMÚRIOS
21. OS CINCO E A TORRE DO SÁBIO

Edição da

EDITORIAL NOTÍCIAS

R. RODRIGUES FARIA, 103 • LISBOA-3 • TELEF. 633021